

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia Minerva Vimaranesa: Rua 31 de Janeiro, 133—GUIMARÃES

ESTUDANTES DE GUIMARÃES!

Vós, sois os homens de amanhã. É à vossa alma, ainda moça e casta, que vamos falar!

Alguém vos procurou induzir a prestar hoje "comunhão geral", como se no vosso espírito não houvesse a cálida esperança no triunfo da Liberdade!

Alguns, que de entre vós não lograram refrear um desagravo contra os atentados à vossa consciência, resolveram fazer uma romagem ao túmulo do saudoso Professor Republicano e Deputado Nacional, cónego José Maria Gomes.

Ao vosso lado não faltarão os antigos alunos de tão chorado Professor! Estudantes de Guimarães! Firmeza e desassombro no campo da Verdade! Jde prestar homenagem à memória de José Maria Gomes! Vós, sois os homens de amanhã!

Quem... viva?

Ramiro de Maetzu, jornalista do diário espanhol *Ahora*, afirmou que Ramon Franco foi mal recebido em Portugal porque a Nação é monárquica. Desmentiu-o formalmente o jornalista português Artur Inês, em carta dirigida a D. Luiz Montiel, director daquele grande diário. Lemos tudo, num fôlego, nas heroicas colunas de a "República".

Ficamos assombrados! Fora de todo o comentário, vamos dizer o que se nos oferece sobre o momento político em Portugal. Os princípios tradicionalistas de António Sardinha faliram irrefragavelmente em Portugal porque já mais puderam apaixonar a mocidade das Escolas. Com a falência destes princípios caiu também o valor erroneamente outorgado ao *integralismo-luzitano*, que nem sequer forma um aglomerado político, dada a ínfima pequenez dos tórvos *simpatizantes*.

A geração que ora surge em Portugal, irreverente ante as doutrinas maldosas de certo professorado, envereda—com a altivez da sua bela idade—pela senda do progresso, que só pode reconciliar-se coesivamente com uma sã Democracia.

E' estruturalmente Republicana! Nos seus peitos lateja a fé vibrante na Liberdade que a longos e profundos haustos deseja respirar.

Foi pois improdutivo o esforço de certos professores, que tiveram a loucura infantil de julgá-la maleável aos seus inconfessáveis desejos. Essas entidades, respon-

sáveis pela mentalidade Republicana que traíram ao serviço da Democracia, estão deslocadas nos seus altos postos universitários.

Felizmente para Portugal, essa mocidade reprova-os. Aponta-os à alma nacional como indignos da sua confiança.

E a corrente Republicana-Democrática, a corrente liberalmente ativa da gente moça, triunfou clamorosa, profunda e estrondosamente em Portugal!

O nosso País aboliu com nojo a monarquia, roída por todos os vícios ruins.

Não queremos sustentar mais o fausto dos monarcas nem o privilégio dos poderosos. As hierarquias são apenas um atestado do atraso mental dos povos. Rasgamos esse atestado na gloriosa jornada de 5 de Outubro de 1910. Caminhamos para o futuro com a máxima segurança. Não tememos o desconhecido.

Para traz nunca! De há tempos a esta parte que em Portugal se sente uma esfalfada reacção...

Uma inundação de *malagridas* se constata, de há tempos a esta parte.

Há bonzos, por esse País fora, que insinuam mentiras e estropiam verdades. Querem fazer acreditar no monarquismo do povo e do Exército.

Velhacos! Pescam em águas turvas...

Fora com eles... que estão tentando a paciência de Portugal! Nós chegamos a pasmar da serenidade do Exército e da Armada da República!

E' que nutrem — a nosso ver — pelos míseros fantoches, o mais solene desprezo. Cospem-lhes nas

faces todo o seu desdem. Mas o povo — infamemente alcunhado de monárquico por emissários da reacção — é que não tem essa paciência. Daí o seu fervilhar insatisfeito, o seu brado generoso em defeza dos mais sãos princípios.

Satisfaz-nos, porém, o saber-mos que o Exército está vigilante para defender a República de qualquer inesperado.

Os que afirmam no estrangeiro

conhecem — *duma forma bastante rudimentar* — a Pátria de Magalhães Lima e António José de Almeida. Ou então, passaram por ela como simples forasteiros, e apenas leram nas superfícies. Não ouviram o rumorejar de toda a alma nacional. *Se o fizessem*, teriam logo um desmancho na sua opinião frívola e insequente.

Porque a mocidade académica é bem o reflexo vivido do momento político português. Fracassou o plano malévolo de certo professorado superior que — insistimos neste ponto negro do nosso passado Republicano — deliberou atraiçoar a ideologia do Regime. Fracassou clamorosa, profunda e estrondosamente!

Meras utopias que a rajada da Verdade e da Justiça desfez em pó!...

A'rido pó que nem sequer pode agüentar um "liquen"! Que resta dos destroços?

— Meia dúzia de tarados com a mania de fazer conferências. Vêem geralmente pouco porque usam quasi todos um óculo que, sem lisonja, lhes fica a matar.

Em nosso entender, tem um único fim o utensílio: é procurar

uma porta de saída no emaranhado das suas teorias.

Portugal é e quer ser, a todo transe, arraigada e insofismavelmente Republicano.

Nada de ilusões!

Viva a República!

H. Belém.

Em contraste com muitos edifícios públicos, há dias reparamos que a casa que em São Miguel de Creixomil serve de Escola Primária está em péssimas condições higiénicas e com os vidros do salão estilhaçados.

Como na parte inferior do edifício se encontra estabelecido um *funileiro*, julgamos que as lições aos alunos, na parte superior do edifício, não serão dadas convenientemente, em virtude do barulho ensurdecedor que constantemente aquela indústria faz ouvir, quando em laboração.

Com vista a quem de direito.

A' Câmara

Pedimos ao Ex.^{mo} Vereador da *Higiene*, para mandar retirar da *Entulheira Pública*, sita à rua D. João 1.º, entrada da cidade, um vergonhoso monturo, que há mais de trinta anos ali se encontra, para vergonha dos vimaraneses e de uma cidade civilizada.

8 horas de trabalho

Ainda não é cumprido este regulamento. Que faz a nossa autoridade? Dá-nos a impressão de que anda a veraneiar despreocupada. Voltaremos mais demoradamente ao assunto.

Será verdade?

Relativamente à local publicada, sob esta epigrafe, no último número deste jornal, alguém nos garante que é verdadeira a informação que nos deram. Que, de facto, há um chefe duma Repartição pública que não paga ao seu pessoal assalariado o vencimento que o Estado lhe manda dar. Da verba recebida, para este fim, o referido pessoal recebe apenas uma parte insignificante. Como levaremos o caso ao conhecimento do superior hierárquico do citado chefe, se este continuar a utilizar-se do que não lhe pertence.

(Retardado).

E', com esta, a terceira vez que nos servimos da epigrafe acima indicada, e continuaremos a utilizá-la enquanto não formos informados de que o chefe da Repartição, a que nos vimos referindo, não paga o que é devido ao seu pessoal assalariado. Uma vez que o Estado *desembolsa* uma certa quantia destinada a este fim, só abusivamente e com manifesto prejuizo dos interessados o aludido chefe pode fazer reverter em seu proveito aquilo que não lhe pertence. Por isso, não largaremos o assunto sem que a moralidade e o escrupulo entrem na Repartição onde este caso se passa. Para já, limitámo-nos a prevenir, e, como quem avisa amigo é, o funcionário (chefe) que se julgar atingido só tem um caminho a seguir: não continuar a prevaricar.

Caso assim não seja, as consequências não poderão ser agradáveis.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço não podemos publicar hoje o soneto «Reversão», do Sr. L. Coelho.

MERCENARIA E CONFEITARIA

Braga & Carvalho, L.^{da} (Antiga Casa Barroso) GUIMARÃES

Participa que está a receber todos os dias o afamado PÃO DE LÓ DE MARGARIDE, de Leonor Rosa da Silva, Sues.—Em depósito, sortido completo em amêndoas nacionais e estrangeiras, avulsas e em caixas de fantasia, e outros artigos próprios para Brindes da Páscoa.

Como eles mentem!...

Sobre os acontecimentos de Jaca já se exteriorizou toda a imprensa. Os valentes daquela revolta eram espanhóis duma só fé e fizeram cometimentos que nobilita uma geração. Foram massacrados pela força, mas não sem glória e altivez. Pesou sobre eles um chorrilho imanente de calúnias. Foi um longo metralhar de infâmias sobre as cabeças aureoladas de Firmin Galan, Hernandez e muitos outros. Afinal, se buscarmos a origem de tanta difamação, vamos encontrá-la no seio da reacção que não poupou o ensejo de vêr — por conveniência — no esforço da Espanha nova a intriga de Moscovo. Afinam todos por este singelo diapasão quando pretendem derubar os que se batem por um ideal melhor. Acusaram os republicanos espanhóis de comunistas, exaurindo dessa odiosa mentira todo o efeito possível; isto é, pretendiam escanhotar todo o espírito emancipador que hoje encandece a gente moça do país visinho. Baldado intento! A guerra mortal da seita negra respondeu a Espanha nova, assumindo as responsabilidades do movimento. Houve nobreza e altivez naquele gesto. Nem toda a reacção, com a sua fonte nunca estancada de injúrias e mentiras, conseguiu deturpar uma atitude que agora se prova, ser leal e patriótica, pelo julgamento do processo de Jaca.

Galan foi fuzilado sumariamente. Mas, a sua figura ressaltava enaltecida nos tribunais espanhóis, agora que é evocada com saúde, agora... que está reduzida a cinzas. Ficou a sua alma impregnando de belos sentimentos as falanges republicanas de Espanha. Que é de notar a atmosfera de simpatia que os revoltosos de Jaca souberam criar. Explícitos os sentimentos políticos de toda essa generosa corte de cidadãos, vemos que os revoltosos não tocaram num ceutil que fosse pertença do estado. Este é o melhor sintoma da conduta daqueles que souberam colocar o ideal acima das próprias necessidades.

Nós conhecemos raros gestos de tão alta nobreza. Mas, os monárquicos e católicos portugueses abusaram também da sua situação acusando ferozmente os revoltosos de Jaca e Quatro Vientos. E afinal, que autoridade moral lhes resta ainda para assim proceder? Lembramo-nos muito bem que Paiva Couceiro, quando fez a *monarquia do quartelão*, subtraía dos cofres públicos cerca de vinte mil contos. Isto é eloquente e não necessita comentários. E por aqui podemos ajuizar da autoridade moral dos monárquicos... e católicos portugueses.

Lá, pela Espanha, ainda não surgiu ninguém que encarregasse os nossos plumitivos de acusar gente mais honrada do que eles. Ninguém. Houve momentos em que a censura espanhola não permitiu à sua imprensa a narração de certos factos. Tripudiaram sobre a arena os nossos bonzos vomitando toda a casta de patifarias em direcção aos prisioneiros. E nós, serenamente, dizíamos: *fartar vilanagem*... que o nosso momento há-de chegar. Levantou por momentos o governo espanhol a censura à imprensa. Foi então a vez dos jornais republicanos do país visinho fazerem pormenoradamente uma larga reportagem sobre o assunto. Salvaram-se atitudes e puzeram-se as coisas no seu devido pé. Emudeceram os jacobinos conventuais da nossa terra e a imprensa republicana tomou a vanguarda da luta. Os reaccionários aproveitaram as horas

turvas para espalhar a discórdia, mesmo que para isso tenham de ocasionar a morte de qualquer inocente. E' lhes indiferente essa ninharia.

Como eles mentem! Em todas as oportunidades, em todos os sitios, a sorrelfa, eles mentem velhacamente.

Provou-se exuberantemente que os revoltosos espanhóis apenas queriam uma República, ansiosamente esperada por todos os intelectuais de merecimento. Queriam derrubar a monarquia, escancelada pela ditadura de Primo de Rivera que não teve o bom senso ou a indispensável habilidade de simplificar o problema político. E' o que todos sabiam já... mas, os *joõesinhos asneais*, fingiam ignorá-lo. E ás vezes... quem sabe?!

E' possível que o ignorassem. Há muitos aleijões no mundo e a verdade é que, entre os *joõesinhos asneais*, não lobrigamos uma única excepção.

XYZ.

No templo do silêncio

O senhor Jerónimo Sampaio, que tanto insistia, nas suas correspondências, pela construção de um novo Teatro e pelo aformoseamento do Largo de S. Francisco, já há muito que não nos dá o prazer dos seus *pios bairristas*...

Naturalmente, é mais um desanimado, é mais um descrente do Progresso da nossa terra. Tem razão o sr. Sampaio. Não vale a pena gastar cêra com maus defuntos nem estar a malhar em ferro frio. A única solução é aguardar melhores dias, isto é, aguardar a oportunidade dos bons vimaranenses se interessarem pelo *reviver* da sua terra.

Para já, está provado que é inútil insistir, porque os nossos os nossos clamores.

Telefones

Comunicam-nos que uma grande maioria dos assinantes dos telefones vai ordenar o respectivo corte, em virtude das exageradas alterações nos preços.

De facto, assim é. E lamentamos o facto, que vem molestar o contrato inicial. Muitos dos subscritores não contavam com estas possibilidades e é natural que não estejam à altura de satisfazer as exigências do momento.

Por isso, daqui lembramos à Administração Geral dos Correios e Telegrafos o problema. E' possível que ela possa resolvê-lo com satisfação para todos.

Extinção dos cães vadios

A Direcção da Sociedade Protectora dos Animais, desta cidade, tendo conhecimento de que têm sido mortos alguns cães com a estricnina, na via pública, oficiou ao sr. Presidente da Câmara, a fim de sua ex.ª tomar as devidas providências. O Decreto N.º 18.725, de 6 de Agosto do ano findo, estabelece as normas como se deve proceder contra os cães vadios.

Esperamos, pois, que as autoridades respectivas não consentam em barbaridades que repugnam a toda a gente, ordenando o cumprimento do disposto no art.º 13.º do citado Decreto. Pelo simples facto de se tratar de animais irracionais, não é motivo para pôr de parte as disposições regulamentares que lhes digam respeito.

(Retardado).

Um manifesto da gente moça

Os estudantes de Portugal

Temos em nosso poder um opúsculo — 31 páginas de fogosa leitura — que se subordina ao título «Pela Universidade do novo ritmo».

Vem a propósito da fundação da Associação dos Estudantes de Medicina do Porto que um grupo de rapazes do 1.º ano daquela Faculdade vem favorecendo com o seu esforço juvenil.

Lemos dum fôlego o referido opúsculo e confessamos: é verdade o que essa mocidade diz.

Uma verdade que simultaneamente nos alegra!

E alegra-nos porque há em Portugal quem viva no pensamento glorioso deste século.

De facto, notamos entre nós um atrazo formidável. O que existe é insuficiente para satisfação plena do intelecto.

Ninguém viva de ilusões! Em Portugal, as Universidades são Escolas anacrônicas, estafadas pela velhice que as torna trôpegas ante a carreira desempoeirada e seguida pelas suas congêneres de além fronteiras (França, Alemanha, Noruega, Suécia, Dinamarca, Inglaterra, etc. etc.).

Urge melhorá-las sob os aspectos: moral e material.

O primeiro ponto de vista é duma necessidade absoluta para evitar que a dentro da esfera universitária se cometam injustiças, tantas vezes com refalsada má fé. O estudante deve ter uma certa independência e, logicamente, o direito de intervir no destino daqueles Estabelecimentos de Ensino Superior. Logo, e para boa concordância, participará do Senado Universitário e elegerá o seu representante — ou representantes — junto do Conselho das Faculdades.

E o ensino — tudo aquilo que convem ou não ao bom resultado da educação — deverá ser por Professores e Alunos.

Que o estudante, melhor do que ninguém, sabe o que mais ou menos lhe aproveita. E' velho o costume de obrigar os que pretendem instruir-se a regras e compêndios monumentais que — por mera analogia — podemos chamar a *camisa de forças dos estudantes*.

E' aquilo! Como que a ciência fôsse limitada ao recinto das teorias! O que devemos pensar é em fazer surgir a prática da ciência com alguns vãos para fora dos gabinetes.

E cá estamos vendo o segundo ponto de vista: o material. E' necessário formar Institutos das várias sciências como auxilio e complemento das Universidades; é necessário munir de objectos indispensáveis essas Escolas para que o estudante não se limite forçosamente ao livro.

O livro, só por si, é monotono e raras vezes feliz nas suas imagens. A prática é mais nítida e, por consequência, impressiona mais. Escutemos — além disso — a voz dos Pedagogos que pintam com autoridade a magnificência dos novos usos pedagógicos. E' que, em Portugal, tem de haver uma mudança extraordinária na vida das Escolas para depuração da mentalidade rática, que ainda tolera certos abortos mais ou menos condenados pelas verdadeiras Democracias. Instrução deve alistar-se na vanguarda do progresso.

A Universidade Portuguesa deve ser um núcleo científico por excelência... a guarda avançada da nossa civilização. Porque nenhum homem de sciência o é verdadeiramente sem que primeiro satisfaça as condições dum perfeito cidadão. A sciência deve aliar-se à sociologia e caminhar, como pioneira, à conquista de novas verdades. E nas Escolas deve ser renovado o pessoal docente todas as vezes que o exija a força dos tempos.

E o Professorado das nossas Universidades tem uma boa parcela de membros que não satisfazem a sua missão. São ainda reaccionários que pretendem levar a mocidade por caminhos errados, cometendo atentados contra as Instituições Democráticas que piedosamente os albergaram.

Tem mil razões essa mocidade estudiosa. Cabe-lhe o direito de colaborar nas Reformas Universitárias.

A legislação existente é já bastante frágil para o momento.

Raras vezes foi acertada porque quem a concebeu não auscultou as mais vagas aspirações e necessidades dos Escolares. Deve cessar a Escola burguesa para nascer a Escola Social-Democrática: queremos o *estudo absolutamente gratuito para acabarmos de vez com o privilégio*. A sciência não pode ser uma mercadoria nem um exclusivo bem dos potentados; é a fonte que brota sempre e onde devem beber, com liberdade, todos os *sequiosos do saber*. Por isso nos é altamente simpático o gesto dos rapazes da nossa Universidade do Porto. As Associações são um meio seguro de internacionalizar a sciência — como fazem há muito no estrangeiro — num intercâmbio perene de conhecimentos e opiniões. Bem entendido. Agora cabe ao Estado iniciar esta tarefa favorecendo a juventude que antes de tudo necessita de independência económica. E' pobre na sua esmagadora maioria e — cremos nós! — querem instruir-se. O opúsculo em referência sugeriu-nos muitas ideias.

E' ainda nada o que dissemos. A falta de espaço é atroz, mas brevemente voltaremos ao assunto.

X. X. X.

A Estação Postal de Moreira de Cónegos (Vinhas)

O «Correio do Minho», de 15 de Setembro, publicou a seguinte correspondência de Vizela:

A Caixa do Correio da «Cuca»

Não foram baldados os nossos clamores sobre a caixa do correio de Moreira de Cónegos!...

Por ordem superior, foi colocada no lugar da «Cuca» da freguesia de Moreira de Cónegos, a célebre caixa do correio que há muito tempo vinha trazendo aquela populosa freguesia em sobresalto.

Nestas linhas não há, sequer, uma ténue sombra de verdade. A célebre caixa do correio de Moreira de Cónegos continua em *Vinhas (Estação Postal)* e não foi mudada para a *Cuca* como se deprende da ardilosa correspondência.

Foi, de facto, — e era isto o que o *correspondente* devia ter escrito se não fôsse eternamente um trapalhão, — creada na *Cuca* uma *Caixa Postal* para servir aquela parte da freguesia, o que aplaudimos, mas *Vinhas* ficou sempre no seu pôsto, a desafiar as *patadas* dos vários jesuitas de casaca que por ali abundam.

Assim é que está certo. Nada de baralhar as coisas, sr. *correspondente*.

Mais brio e menos *frêtes!!!*

Protecção aos animais

Da Direcção da Sociedade Protectora dos Animais, desta cidade, recebemos a seguinte nota:

«A Direcção da Sociedade Protectora dos Animais, de Guimarães, torna público, a fim de evitar mal entendidos ou revelações inconvenientes feitas, que não tem descurado quaisquer assuntos inerentes ao fim desta Associação. Ao abrigo da Lei, tem tomado as providências que estão na alçada das suas atribuições, facto que pode ser testemunhado pelas respectivas autoridades.» — A Direcção.

A prostituição

Alguém nos incita a bradar, nas colunas deste semanário, contra tão odioso chavascal da existência.

E' simplesmente para lamentar que tanta pobreza se arraste, durante a noite, pelas vias da cidade.

Simplesmente para lamentar! Porque, após tantos séculos de luta em prol da *caridade*, ainda constatamos os extremos atteridores: opulência e miséria — temperança e luxúria — magnificência e podridão.

Que fez a *caridade* — que é apenas um conceito que muito ultraja a pobreza do homem — em benefício dos povos?

Uma coisa tem feito: perpetuar, através do sofrimento, tudo o que existia de mau. Que, se a miséria cessasse, não mais seria precisa a *caridade*. Logo — e com regosijo pleno da humanidade — terminavam as *funções místicas* dessa gente caridosa que, para exercer a sua estrita actividade, lhe é indispensável a indigência alheia.

Nada de composturas! Tenhamos a coragem das nossas atitudes dizendo, alto e bom som, a verdade que escalda e flagela: é uma vergonha essa miséria que faz o seu estendal em todos os bécos da cidade. Nós referimo-nos, sobretudo, ao enxame de infelizes mulheres que giram noturnamente fazendo a indústria da prostituição. Rendidas pela fome, é vê-las nessa luta da vida; que para elas decorre a vida batida por todos os temporais.

E — se colarmos o ouvido ao tabique desta baixa esfera — reconhecemos surdos rumores como que a agitar os mais profundos dramas. Mas tudo isto é apenas um preâmbulo, porque há mais e muito mais...

Elas vivem desamparadas do mundo e sem o menor cuidado pela hygiene do corpo; a falta de hygiene gera a podridão em que elas vivem arrastando os menos avisados à ruína da saúde.

E há — sobre todos os outros — um perigo alarmante: o da mocidade. Sériamente, se bem repararmos, essas pobres crianças não têm a noção exata do perigo. Correm levianamente para as infelizes que, *rendidas pela fome*, vão assim aniquilando as vidas de amanhã. E' alarmante, dissemos nós; porque as autoridades-competentes já deviam ter providenciado eficazmente.

A' imprensa cabe em especial — como é voz corrente — o papel de orientar o povo. E', quando bem interpretada, um poderoso auxiliar da autoridade se esta quere ouvir os seus clamores. Pois bem — indicamos à policia um pormenor sobre o ponto que mais deve vigiar: é a rua Paio Galvão, sobretudo nas horas em que os alunos saiem das aulas. Há ali muito rapazinho inexperiente que é forçoso salvar da imundície. Fazemos estas breves indicações por estarmos no desempenho de um alto dever: saldamos, desta forma, a nossa responsabilidade de jornalista.

E agora, seja-nos dado usufruir um pouquinho de liberdade para explanar alguns pontos de vista e discordar até de certas atitudes. Este problema é assás melindroso para o apreciarmos a dentro do razoável e com o seu justo vocabulário. Mesmo assim, tenhamos a franqueza de o olhar com menos reserva e mais interesse. E então — aí vai — discordamos da atitude assumida pela autoridade vimaranense quando encerrou os prostíbulo, velhacotos de depravação e miséria que nestas imperfeitas sociedades desempenham um papel não de todo inútil. Porque esses antros, povoados por tantas desgraçadas,

recebem, de quando em vez, a inspecção sanitária.

E as mulheres de vida fácil, que semanalmente se submetem a um exame médico, conseguem debelar muito mal em principio. Há incontestavelmente uma possibilidade de salvar a mocidade do atoleiro que a espera a todos os cantos e esquinas da cidade. Ora, a nossa autoridade não viu o problema por este prisma, chegando mesmo a esquecer as mais urgentes necessidades fisiológicas da mocidade, composta de homens no patamar da vida.

Nós discordamos dessa atitude. Dizemo-lo agora porque nos fatiga o ouvido a notícia da muita assiduidade dos rapazes junto das farmácias. E' pois o resultado da referida atitude que vimos de reprovar lealmente. Há uma outra face do problema que merece ser olhada também. E' verdade. Foi talvez a olhada pela nossa autoridade. De facto, é uma indústria triste, remendo vergonhoso de uma civilização que presume espalhar luz a jorros.

E' vergonhoso! E' triste!

Mais: é um reflexo vivíssimo da vida que vivemos... onde a caridade não penetrou ainda para arrancar de tão depauperada escravidão as infelizes que ali caem. A caridade está positivamente deslocada das suas funções. Porque não evita o conjunto de circunstâncias fatais que levam toda uma multidão de indigentes à venda da sua própria carne. E' porquê?

Porque têm fome e precisam de viver. E nós outros — orgulhosos da nossa honradez e conduta irrepreensível — ficamos de olhos fitos em balões de oxigénio sem dar um passo em benefício da honra alheia. Pois era fazer caridade e cometer actos de heroica abnegação. Se a caridade existe, só assim a compreendemos. E' um vocábulo que vem a desaparecer pelo andar dos tempos; que a sua existência é horrorosa porque significa que há muitas bocas sem pão, que há miséria e luto, tristeza e dor.

Vem a desaparecer este vocábulo. E então, quando entre os homens houver os laços indissolúveis da fraternidade porque vimos lutando estoicamente, será lembrado apenas com o mesmo horror que nos sugere o Circo Romano quando ali exigiam do escravo a tenacidade de um hercules para bater as feras. O circo lembra-nos isto e — por analogia — a caridade é também um circo de embustes onde os miseráveis são lançados aos elementos.

E' vergonhoso! E' triste!

E' possível que a nossa autoridade olhasse o problema deste lado e ainda por este outro: o espectáculo em presença das famílias. O exemplo é infelizmente contagioso em certos espiritos semi-tresloucados que vêem as coisas aberrantemente. E' mesmo do máximo pundonor evitar à donzela o espectáculo.

Mas, tudo isto é insuficiente para vencer. A autoridade vimaranesense não pôde evitar a prostituição com o encerramento dos bordéis. Conseguir apenas intensificar a prostituição clandestina, a pior de todas porque é irresponsável e aniquila a vida dos rapazes.

Eis em suma o que lembramos para corrigir se é possível.

Surge-nos agora um outro pensamento: às *ordinas da noite* podia-se-lhes proporcionar a regeneração aceitando-as nas creches e outras casas de caridade. Nós entendemos que esse devia ser verdadeiramente um dos principais fins de tais instituições.

Cristãmente falando...

Pura e simplesmente isto! Metamos mãos à obra, que o momento é de transformação.

Alí fica. Tivemos a coragem de dizer alguma coisa do que sentimos sobre o facto que relata-

mos. Oxalá que a ideia aproveite a quem mais deve aproveitar. Para grandes males, grandes remédios. E trabalhemos serenamente, pois é natural que possamos vencer um dia mais este escolho formidável da sociedade.

D. B.

ACADEMIAS REPUBLICANAS

Em todos os Estabelecimentos de ensino médio, secundário e superior, tem-se acentuado a vitória da mocidade republicana, como se tem verificado com a eleição das respectivas associações académicas. São os novos, os homens de amanhã, que numa luta de principios puramente republicanos, nos dão as maiores esperanças de que o futuro ha de continuar a pertencer à República. A mocidade académica está, neste momento, a dar uma lição de verdadeira fé republicana, quer fundando centros de propagação, quer elegendo corpos directivos genuinamente republicanos. A República, que vive no coração da grande maioria do povo português, terá de triunfar, não obstante as múltiplas dificuldades que os seus inimigos lhe procuram criar através de tudo e de todos os tempos. E é a mocidade republicana, designadamente aquela que frequenta as Escolas, que mais pode contribuir para o aniquilamento completo da odiada reacção dos monarquico-jesuítas, que desde a implantação da República contra ela têm tomado uma atitude hostil. São cerebros vasios que não acreditam na impossibilidade do regresso ao regime anterior a 5 de Outubro de 1910, o qual desapareceu devido aos erros e aos escândalos então praticados.

Os monárquicos de hoje, com raras excepções, são aqueles que não entram na luta para defenderem um ideal, mas sim para defenderem, embora cobardemente, a barriga e o estômago. Para elles, para os traibores, para aquelles a que temos chamado *infiltradores*, não há ideal certo, não há principios fundamentais, não há dignidade possível, não há nada, enfim, que os possa retirar do lamaçal onde chafurdam. São dos tais que põem o ramo em uma parte e vendem o vinho em outra... Apesar de tudo, a República não os recebe, porque os republicanos de hoje, assim como os de amanhã — aquelles a quem nos dirigimos, sabê-la-hão defender.

A confissão

Transcrevemos da «Ideia Livre», semanário republicano da Bairrada, o que, sob esta epígrafe, publicava em 14 do corrente:

Ouçam, por exemplo, S. João Crisóstomo, um dos bispos e doutores da Igreja mais conceituados, talvez o seu tribuno mais eloquente, pelo que ficou sendo chamado *boca d'ouro*.

Dizia elle: «Exorto-vos, peço-vos confesseis a Deus; não serei eu quem vos obrigue a revelar vossos pecados aos homens. Basta que mostreis a vossa consciência a Deus. Mostrai-lhe as chagas da vossa alma e pedi-lhe que vo-las cure. Mostrai-as áquelles que não ralha, mas sara... Não tendes mesmo necessidade de falar, porque elle conhece todas as coisas, as mais occultas.

Outro grande doutor, Santo Agostinho, que para a Igreja é duma autoridade imensa, pois passa por ser a sua maior coluna, diz numa página das suas *Confissões*:

«E' bom confessar os pecados, não aos homens, mas unicamente a Deus, pois só elle nos pode dar remédio.»

Oferecemos estes ensinamentos, aos devotos, nesta época de *desobriga*.

Para meditar é sempre bom.

Este número foi visado pela comissão de censura

Escola Primária de «Francisco dos Santos Guimarães», de Urgeses

Está definitivamente fixada a inauguração solene desta Escola para o próximo dia 6 de Abril, pelas 11 horas.

Pode a freguesia de Urgeses ufanar-se de possuir uma das melhores escolas do seu país; e da memória dos seus habitantes, principalmente, jámais se apagará o nome da grande benemérita Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Simões.

Belamente localisada, tudo nela impressiona bem quer exterior quer interiormente. O mobiliário e material escolar são novos e em quantidade suficiente para as necessidades desta escola, além de reunir tôdas as condições higienicas e pedagógicas em ordem, a bem servir o ensino.

Parabens às criancinhas de Urgeses e um sentido agradecimento à distinta senhora que tão generosa lhes foi.

*

Cabem agora algumas palavras referentes ao patrono da Escola.

Não foi qualquer espécie de diletantismo e muito menos ainda o desejo de alimentar vaidades que despreza, que levaram a nobre senhora a escolher o nome de seu sempre chorado irmão para emoldurar a entrada nobre daquele templo da Instrução Popular: foi, aliás, a pretensão bem justificada de o homenagear sob a faceta mais brilhante da sua vida de bondade carinhosa e de generosa benemerência, porquanto muito trabalhou em proveito do desenvolvimento da instrução e muito se votou às criancinhas da sua terra.

Natural de Urgeses, Francisco dos Santos Guimarães, emigrou para o Brazil com 11 anos de idade, sem quaisquer espécie de habilitações literárias, dedicando-se ali à vida comercial.

Inteligência viva, actividade incansável e fecunda e demais qualidades que geram os grandes homens, reunidas num conjunto admirável, reclamaram-lhe em altos brados cultura para se expandirem em mais largos horisontes.

E ei-lo a aproveitar tôdas as horas dos seus lazeres para frequentar cursos noturnos, bibliotecas, assistir a palestras e conferências, ilustrando progressivamente o seu espirito.

Tornou-se, mercê do seu aturado esforço, tenaz persistência no estudo e inteligente aproveitamento de relações que mereceu de elites intellectuais dos grandes meios que frequentou, um perfeito conhecedor de diversas linguas que falava e escrevia com correcção, não lhe sendo estranhas as próprias literaturas.

Marcou na vida comercial o seu lugar de uma forma tão brilhante que ninguem o excedeu e poucos o igualariam.

Visionava as oportunidades; e, porque dispunha de singular actividade, sabia agir na hora própria, não as desprezando.

Dispunha de um esclarecido bom senso, que lhe tornava útil a intelligência e eficiente a actividade. E ao lado destes atributos, emergentes dêles e realçando-os, possuía um incomparável método de trabalho.

Pode bem dizer-se que: lutou, venceu e triunfou.

No Rio de Janeiro deixou uma das primeiras casas comerciais, acreditada e próspera.

Mas o seu triunfo jámais se firmou nos recursos vulgares de mediocres, aliás reflectiram sempre as inspirações dos homens superiores, com um carácter sem mácula e intangível honestidade.

Viveu muito pelo coração, pelo sentimento.

Modesto, exercia a caridade sem ostentação.

O seu dinheiro mitigou a fome dos pobres e deu o pão nobre do

trabalho, aos que mourejam pela vida.

Alma de singular grandeza, teve sempre aberto o coração às necessidades e súplicas dos humildes.

Francisco dos Santos Guimarães, por ocasião do seu falecimento, com 63 anos de idade, mereceu do adorável poeta António Correia de Oliveira, o seguinte versículo:

— Coração bom que sobre a terra amou e deu.

Não deixa de ser interessante recordar alguns dos benefícios prestados à sua terra e a dedicação pelos assuntos de instrução e religiosismo.

Foi o promotor da primeira Festa da árvore aqui no norte; mandou reparar a igreja e contribuiu para a construção da torre e cemitério paroquiais; dotou Urgeses com um tanque; instituiu dotes de 200000 cada um para as donzelas pobres; donativos de 20000 a cada um dos dez mais necessitados da freguesia; prémios pecuniários para os alunos mais distintos da freguesia; verba para o expediente e limpeza, etc.

«A Velha Guarda» sente muito prazer em aproveitar este ensejo para desfolhar estas singelas homenagens sobre a sua memória e faz votos sinceros por que o seu nome seja sempre querido, e lembrados sejam pelas criancinhas os fulgores da sua intelligência, os belos empreendimentos da sua actividade, a grandeza da sua alma e os primores do seu carácter.

Bombeiros V. de Guimarães

Realizou-se, no passado dia 19, com o brilhantismo que raras vezes se empresta a festas desta natureza, a comemoração do 54.º aniversário da fundação da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Guimarães.

Diremos — num rápido esboço — o que se nos oferece sobre tal acontecimento.

Esperava-se, no dia 18, uma Deputação dos Bombeiros Voluntários de Cascais. De facto, no rápido das 16,15, chegou a Estação de Vila-Flôr a referida Deputação, que era comandada pelo sr. Joaquim Teotónio Segurado, brioso 1.º Comandante da Benemérita Associação que representava.

Vinham munidos do respectivo Estandarte.

A recepção foi carinhosa. Ali se encontrava o Corpo Activo dos nossos Bombeiros Voluntários com o seu terno de corneteiros, Banda e Bandeira, sob o comando do nosso amigo e ilustre Professor do Liceu Nacional de Martins Sarmento, sr. José de Pina, valoroso 2.º Comandante da Associação em festa. Vimos — além disso — que outras Associações se faziam representar. Assim, lembramo-nos da Academia Vimaranesense, Escola Industrial e Commercial, Empregados de Commercio, Artes Gráficas, Cutileiros, Marceneiros, Curtidores e Surreadores, Fabricantes de calçado, Revendedores de Vinho, Escoteiros, Associação Fúnebre Familiar, Associação Artística Vimaranesense, etc.

E para complemento de todo o exposto, uma multidão enorme, curiosa e hospitaleira.

Dirigiram-se os recém-vindos, festejados por algumas girândolas de foguetes e marchas da considerada Banda dos nossos Voluntários, para a Estação destes. Pelo caminho, foram alvo da gentileza das nossas damas, que sobre elles lançaram flores com profusão.

Chegados ali, foram-lhes dadas as boas-vindas pelo nosso 2.º Comandante, sr. José de Pina.

Respondeu-lhe com efusão o sr. Joaquim Teotónio Segurado. Usou também da palavra o

benquistado vimaranesense e 1.º Comandante dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, sr. Simão da Costa Guimarães, exprimindo a sua satisfação pelo optimo resultado desta comemoração.

Na manhã do dia 19, dirigiu-se o Corpo Activo dos Bombeiros, com as Associações acima indicadas, à Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, onde foi celebrada, pelo sr. Cônego Vasconcelos, a missa estatutária. Procedeuse depois à benção do novo pronto-socorro, a que foi dado o nome de Lusitânia. Serviu de padrinho o seu generoso doador, sr. João Rodrigues Loureiro.

Feito isto, seguiu-se imediatamente a Sessão Solene, realizada na Estação dos Bombeiros Voluntários com a assistência da respectiva Direcção e Autoridades.

Foi muito concorrida e animada.

No decorrer da tarde, do mesmo dia, houve várias demonstrações de serviço no Campo da Feira e — devemos dizê-lo — não faltou quem levasse uma *refrescadela*.

Apresentamos a todos, os que nesta festa tiveram acção directa, os nossos parabens.

A 2.ª Deputação de Cascais, e em especial ao sr. Teotónio Segurado, os mais sinceros cumprimentos.

E agora, seja nos lícito enaltecer a verdadeira reliquia dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, sr. Avelino da Silva Guimarães, digno 1.º Patrão da segunda Esquadra, que nesta quadra completa os seus 54 anos de bom e efectivo serviço. Muito bem. E' também digno de registo o sr. Eduardo da Silva Guimarães, que foi um eficiente Instrutor dos Bombeiros e 1.º Patrão da 1.ª Esquadra.

Oferecemos-lhes estas palavras de justiça.

H. Belém.

Bernardino Jordão

De Lisboa, onde foi tratar de negócios, voltou este nosso valoroso correligionário, membro da Comissão Política do Partido Republicano Português em Guimarães.

Cumprimentos.

Reintegração

Nos termos do Decreto 18.252, foi há dias reintegrado no Exército Português, o nosso amigo e ilustre correligionário, Ex.^{mo} Sr. Alferes Herculano Pereira Guerreiro.

As nossas cordeais felicitações.

BANCO DE PORTUGAL

Agência de Guimarães

Está em pagamento o dividendo das acções deste Banco, referente ao 2.º semestre de 1930, na razão de 35 %, cativo dos respectivos impostos legais, pagando-se por cada acção nominativa a importância líquida de Esc. 29889 e por cada acção ao portador Esc. 28892.

Pela Agência do Banco de Portugal em Guimarães,

Os Agentes,

Heitor Campos

Antão de Lencastre.

CASAS

Vendem-se três moradas de casas devolutas com quintal.

Falar com Avelino Faria Guimarães.

Faria & Fernandes, L.^{da} Largo Prior do Crato — GUIMARÃES * <i>Fabrico de:</i> Chapeus e Guarda-chuvas. Oficina de concertos. «Stock Firestone»: Depositários.	Drogaria do Tournal DE João Garcia d'Almeida Guimarães Praça D. Afonso Henriques GUIMARÃES TINTAS, VERNIZES E VIDROS	Sapataria Elegante DE Artur d'Oliveira Sequeira Largo Prior do Crato GUIMARÃES Especialidade em calçado fino e concertos	CASA DE SANTA TERESINHA RUA DA REPÚBLICA, 122 GUIMARÃES Papellaria e Livraria Artigos Religiosos e Objectos de escritório
FABRICA DE PENTES DO RIBEIRINHO FORNECEDORA DOS PRINCIPAIS ARMAZENS EXPORTADORES TELEFONE N.º 128 GUIMARÃES — Portugal	CASA DAS GRAVATAS DIAS & CARVALHO, L. ^{da} CHAPELARIA, CAMISARIA E GRAVATARIA. 43 — Rua da República — 47 TELEFONE N.º 188 GUIMARÃES	ATOALHADOS E LINHOS Gonçalves & Castro, L. ^a Largo Prior do Crato, 7 GUIMARÃES Lindas coleções de bordados de Guimarães e sortido completo de tecidos próprios para enzoais	PADARIA ALMEIDA DE José Mendes Guimarães Rua Elias Garcia, 63 GUIMARÃES Cereais e Farinhas
Bernardino Jordão, Filhos & C.^a PHILIPS RADIO Os melhores receptores			
Grande Armazem de Exportação DE Augusto Mendes Rua de Gil Vicente GUIMARÃES Calçado, Cutelarias e Pentes	DROGARIA MODERNA DE Fernandes Guimarães & Irmão, Suc. Rua da República GUIMARÃES Tintas. Louças e Vidros. Vernizes.	Manuel Jesus de Sousa Farmacêutico Praça D. Afonso Henriques GUIMARÃES SERVIÇO PERMANENTE E SORTIDO COMPLETO DE TODAS AS ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS.	CASA HIGH-LIFE, Filial de Benjamim de Matos & C.a, L.da Tournal — GUIMARÃES O seu intento é, com os preços e qualidades de todos os artigos que vendem, convencer o público de que se esforçam o máximo para lhe fornecer artigos bons e garantidos por preços razoáveis. SECÇÃO DE MODAS.
Antiga Casa Patrício DE José Fernandes Martins Praça D. Afonso Henriques GUIMARÃES Especialidade em artigos de mercearia fina.	A. J. Ferreira da Cunha Praça D. Afonso Henriques GUIMARÃES Sortido completo em ferragens finas para usos industriais.	Papelaria Central DE Francisco Ribeiro de Castro Praça D. Afonso Henriques GUIMARÃES Artigos fotográficos, papelaria, livraria e tabacaria.	Armazem de Mercearia por junto e a retalho DE Francisco Lopes Martins Rua de Gil Vicente — GUIMARÃES Depósito de telha Marselha e tubos de grés.
Grande Hotel do Tournal	Quartos excelentes e esmerada cosinha à portuguesa.	Pensão e Restaurante Central	Excelente serviço de mesa e quartos. Largo da Condessa do Juncal
João do Couto Salgado Mudou o seu escritório de solicitador para a Rua 31 de Janeiro, 111 GUIMARÃES	Casa Martins	Largo Prior do Crato GUIMARÃES Completo sortido em meias e peúgas de seda e fio de escócia. Artigos de menage. Chapelaria, gravataria e guardassolaria. Artigos sempre de novidade e bom gosto.	Leite & Figueiredo Materiais para construções Cal, tintas, vernizes, tubos de grés e telha de Marselha. Largo da Condessa do Juncal — GUIMARÃES
CARREIRAS DE CAMIONETE ENTRE GUIMARÃES E PORTO João Ferreira das Neves Escritório: Casa Almério Ferra Tournal — Guimarães	António Ferra, Filho Largo D. Afonso Henriques GUIMARÃES Completo sortido em ferragens finas e artigos de menage. Escritório de Camionetes para o Pôrto	JOSÉ MENDES GUIMARÃES R. de Gil Vicente, 71 — GUIMARÃES Depósito da excelente palha trilhada em fardos, bancas de lousa para barreiros, oleados e carvão de coke para cosinha.	Braga & Carvalho, Limitada Praça de D. Af. Henriques — Guimarães ARMAZEM DE MERCEARIA FINA e Escritório das Camionetes para Braga e Pôrto.
«O BARATEIRO» Rua Dr. Avelino Germano — Guimarães Depósito de calçado para homem, senhora e criança. Gravataria e miudezas. Completo sortido em guarda-chuvas para homem e senhora.	L. D'OLIVEIRA & C.^a Rua da República GUIMARÃES Completo sortido em tabacos nacionais e estrangeiros. LIVRARIA E PAPELARIA.	ANTÓNIO DA ROCHA BRAGA (Mestre de obras) Encarrega-se da construção de qualquer obra de pedreiro, garantindo a sua boa execução. Avenida número 2 GUIMARÃES	MANUEL MACHADO Miradouro — Guimarães Fabrico de cutelarias. O melhor no género. Acabamento garantido.
Joaquim Ribeiro Moura (Marca 35) Pisca — GUIMARÃES Fábrica de Cutelarias e Tecidos Premiada nas várias exposições a que tem concorrido. A título de experiência, aconselha-se uma visita a esta acreditada casa.	ANTÓNIO PIMENTA Largo da Misericórdia GUIMARÃES Grande armazem importador de artigos de novidade, miudezas e quinquilharias.	José Francisco da Silva, Filho & Genro «Marca 5» Miradouro — Guimarães Fábrica de Cutelarias em todos os géneros. Garante-se o seu acabamento e fabrico.	Manuel José de Carvalho Rua de Paio Galvão GUIMARÃES Armazem de mercearia por junto e a retalho. Depósito de Aguas Minerais.